
seres vivos, uma vez que ela é regida não só pelos fatores naturais, mas, também, pela cultura, tomada no sentido mais amplo.

Logo no prólogo sente-se a preocupação que sempre norteou a vida do autor: a de servir, através de sua Faculdade, à sociedade em que vive.

Ainda no prólogo, adoramos a crítica feita aos textos que apresentam uma visão “bem-comportada” do conhecimento científico. Em um país subdesenvolvido como o nosso, o pesquisador necessita ter mentalidade de sub-servivo para estar sempre preocupado em romper as comportas que retêm o nosso desenvolvimento científico. Veja-se a primeira geração de Manguinhos.

A idéia de começar o estudo da ecologia com a origem da vida está perfeita, pois esta foi o primeiro fenômeno ecológico. Além disso, os conceitos fundamentais da ecologia estão apresentados de maneira muito elegante. O mesmo pode-se dizer com respeito aos parâmetros populacionais.

Muito bem colocado um capítulo sobre evolução, pois ecologia e evolução são elementos inseparáveis. Na mesma categoria está a explanação sobre o princípio antrópico.

Estamos de pleno acordo com a defesa que o autor faz da epidemiologia tradicional. O que

há, hoje em dia, é muito modismo.

Apesar de não concordarmos com alguns pontos de vista do autor, consideramos muito útil a discussão sobre o problema dos acidentes naturais e artificiais.

Muito louvável o convite a outros professores como Ruy Laurenti e Eduardo Massad, para escreverem capítulos. Este último, em “Modelos matemáticos”, dá uma citação de Engels que não resistimos em transcrever: “Do homem que dançava ao redor de uma fogueira, tentando um milagre, ao homem de hoje que circula em volta de um computador, desejando, no seu íntimo, também um milagre, não tem passado muito tempo nem tem-se progredido muito na compreensão do cosmos ou do próprio homem.”

Desta forma, o Prof. Forattini, que já havia escrito *Epidemiologia Geral* com o espírito de que epidemiologia é ecologia médica e tendo sempre em mente que ecologia e evolução são assuntos inseparáveis, nos dá agora um verdadeiro tratado. *Ecologia, Epidemiologia e Sociedade* é, sem sombra de dúvida, uma obra madura.

Mario B. Aragão

Departamento de Ciências Biológicas
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

Morrendo à Toa. Causas da Mortalidade no Brasil. Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1991. (Ensaio 134)
ISBN 85-08-03995-6

Sergio Goes de Paula é, sem dúvida nenhuma, o discípulo mais brilhante de Mario Magalhães da Silveira. O autor do livro, originalmente tese de doutoramento na Unicamp, não gosta de afirmações categóricas, mas logo nas primeiras páginas sente-se a sua força.

A proposta do livro é mostrar que dados demográficos, sabidamente precários, podem permitir a compreensão de fenômenos sociais. Logo de início, o autor chama a atenção para o fato de, apesar do Brasil ser um país de grande mortalidade, ser mínima a produção científica sobre o assunto.

Na introdução teórica são comparadas as idéias de Malthus e de Marx. A história veio mostrar que a teoria da população, que deu fama a Malthus, era falsa. Por outro lado, as suas idéias sobre economia, que passaram quase despercebidas, são nada mais nada menos do que o neoliberalismo, que andou em voga no governo Collor. Em contrapartida, as idéias de Marx sobre população são muito mais condizentes com a realidade observável. A acumulação de capital determinaria os níveis de população, tanto a empregada como o chamado “exército industrial de reserva”. Desta forma, segundo o autor, Marx teria desenvolvido uma teoria da superpopulação.

Em “As ilusões perdidas” é discutida a transformação do médico artesão em médico assalariado. Neste mesmo capítulo, ficamos sabendo

que o golpe de misericórdia na teoria da população de Malthus foi dado por Mario Magalhães da Silveira, numa comunicação feita à Organização Mundial da Saúde em 1962.

Em “Conhecer e medir” são discutidos os problemas da demografia e, principalmente, suas limitações. No capítulo seguinte são comentadas algumas variáveis demográficas e análises feitas por outros autores. Nele, fica-se sabendo que, até a altura de 1920, a taxa de crescimento populacional era mais elevada nos países desenvolvidos, o que se inverte a partir de 1930, quando os países menos desenvolvidos passam a apresentar taxas de aumento populacional mais altas.

Está muito interessante o estudo sobre a queda da fecundidade da mulher brasileira.

Em “Vivendo e aprendendo” são analisados os dados de causas de morte nas capitais brasileiras. Mesmo sabendo da precariedade destes dados, mostra que eles são úteis e chega à conclusão de que as condições de saúde de uma população dependem, fundamentalmente, do consumo individual e coletivo.

Trata-se de um livro indispensável a qualquer instituição de saúde pública. Além disso, há que se destacar a primorosa redação de todos os capítulos.

Mario B. Aragão

Departamento de Ciências Biológicas
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

Black Mesa Anasazi Health: Reconstructing Life from Patterns of Death and Disease.

Martin, D. L.; Goodman, A. H.; Armelagos, G. J. & Magennis, A.L. Carbondale, Illinois: Southern Illinois University at Carbondale Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper # 14, 1991, 314 p. (Paper)

ISBN 0-88104-073-8.npg

Os estudos de paleopatologia são conduzidos há pelo menos 200 anos, mas apenas nas últimas décadas, com a retomada dos enfoques paleoepidemiológicos, tais estudos ganharam destaque como elementos informativos para a reconstituição das formas de vida de populações passadas. Buscando saber como e por que os problemas de saúde deixam de ser problemas individuais e passam a afetar os grupos humanos, ganhando sentido nas coletividades, a paleoepidemiologia, aliando a perspectiva demográfica ao perfil de distribuição das doenças ou a indícios de estresse biológico nas amostras populacionais arqueológicas, busca nexos entre as condições ambientais, os padrões culturais e a morbi-mortalidade, de modo a explicar modos de vida através de padrões de morte e doença.

Na medida em que a condição de saúde dos grupos indígenas atuais torna-se cada vez mais

comprometida pelas interferências das sociedades envolventes, o estudo adequadamente contextualizado de amostras populacionais arqueológicas ganha mais importância, por possibilitar a análise de uma situação primordial onde o número de variáveis a serem consideradas é relativamente reduzido e onde o sistema em que se insere o processo saúde/doença pode ser considerado relativamente mais fechado. Nesta situação, pode-se ainda estender a observação, em muitos casos, ao longo de hiatos temporais e geográficos, registrando variações decorrentes de processos de adaptação, evolução cultural, etc., através do acompanhamento das mudanças socioculturais e ambientais, bem como do seu reflexo nas mudanças da biologia humana. Podem ser testados modelos explicativos para as condições de estresse e doença, reforçando, com isso, a perspectiva moderna, que busca entender a doença não apenas através do enfoque biológico, mas, principalmente, através do enfoque social.

É nesta perspectiva que se insere o estudo de Martin e colaboradores sobre a amostra de esqueletos humanos pré-históricos de Black Mesa. Buscando confrontar diferentes aspectos da saúde deste grupo humano, este é um trabalho de grande abrangência, que rompe com os estudos pontuais, temáticos ou de enfoque específico, os quais, embora menos úteis à